

# UMA CONTEXTUALIZAÇÃO FILOSÓFICA SOBRE A FILOSOFIA DO ABSURDO DE ALBERT CAMUS E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A LITERATURA

*André Rodrigues da Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo estudar e, procurar compreender, a partir da vasta obra do filósofo Franco-Argelino Albert Camus, a problemática que envolve o estudo do absurdismo na história da filosofia e como esta filosofia do absurdo se fundamenta aos olhos do filósofo e se desenvolve ao longo da história, não só da filosofia, como também, da literatura. E, além disso, de que forma a angústia revela, através do *Dasein*, a possibilidade de um ser-possível em meio a sua liberdade existencial como ser-no-mundo.

**Palavras-chave:** Absurdismo; Dasein; Literatura; Angústia.

**Abstract:** This article aims to study and try to understand, from the vast work of the philosopher Franco-Algerian Albert Camus, the issue involving the study of absurdism in the history of philosophy and how this philosophy of the absurd is based in the eyes of the philosopher and it develops throughout history, not only of philosophy, but also, of literature. In addition, how the anguish reveals, through the *Dasein*, the possibility of be possible in the midst of his existential freedom as being in the world.

**Keywords:** Absurdism; Dasein; Literature; Anguish.

## INTRODUÇÃO

A filosofia do existencialismo<sup>2</sup> se tornou uma forte corrente de linguagem, principalmente, durante os acontecimentos da 2ª grande guerra e,

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: andresilva537@gmail.com

<sup>2</sup> O existencialismo é uma vertente filosófica fundamentada, principalmente, por Jean-Paul Sartre (1905-1980) na metade do século XX, na França. O pensamento existencialista abordou questões sobre política, angústia e os problemas existenciais que assolavam, principalmente, o povo francês em meio a Segunda Guerra Mundial.

na França, pensadores resolveram trazer um novo diálogo em meio a tantos desastres, a fim de elucidar ainda mais as discussões sobre os principais problemas que as guerras ocasionam aos homens do seu tempo. Neste percurso filosófico, não na França, mas, na Argélia, no ano de 1913, nasce o Argelino Albert Camus, que mudou-se no ano de 1914 para a capital da Argélia, Argel, em decorrência da morte de seu genitor. Neste contexto, ele discorreu, ao longo dos seus anos, sobre os seus estudos para uma vida docente e, além disso, fundamentou uma corrente filosófica, diferente do existencialismo, chamada de “Filosofia do Absurdo”.

Iniciou então, após muitos percalços, uma vida que o levava, principalmente, para o âmbito da discussão sobre a presença da literatura como maneira de recriar as discussões do mundo com ênfases filosóficas, trazendo para a sociedade questionamentos de sua vida, que o assolavam enquanto criança - como por exemplo, a fome, a morte, a tristeza e a felicidade gerando no mundo sensível, literário e filosófico os conceitos de absurdo e, conseqüentemente, de revolta<sup>3</sup>, que conduzem a existência humana. Tantos questionamentos propiciaram a Camus desenvolver a sua filosofia em um ensaio, intitulado “O Mito de Sísifo”<sup>4</sup>, que buscou mostrar a condição do homem enquanto condizente com a sua representatividade em exercício, perante uma vida de julgamentos, incertezas, ou certezas baseadas na conformidade habitual do exercício do viver e sem riscos.

Não em “A Peste”<sup>5</sup>, ou em “A Queda”<sup>6</sup>, mas seria em uma obra intitulada “O Estrangeiro”<sup>7</sup>, que Camus conseguiria traduzir aquilo que mais o

---

<sup>3</sup> A compreensão acerca da revolta, a partir do estudo Camusiano, se dá quando o sujeito obtém para si a noção de absurdo sobre a vida humana, aceitando a finalidade da morte e tomando-se um sujeito feliz, em meio a revolta, em um mundo absurdo.

<sup>4</sup> CAMUS, A. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

<sup>5</sup> CAMUS, A. *A Peste*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1950.

<sup>6</sup> CAMUS, A. *A Queda*. 1o ed. Brasil: Best Bolso-Record, 2007.

<sup>7</sup> CAMUS, A. *O Estrangeiro*. 5° ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.

instigava: a decadência do ser pensante e a inconformidade de aceitação sobre a realidade e sua relação com a morte e o absurdo. A ética camusiana salienta que o ser humano precisa atingir o “bem” sem buscar o sentido deste “bem”, visto pela maioria que pratica de uma ética universal como algo contra os costumes daquilo que é visto, por essa maioria, como certo ou errado.

Atingir o sentido na vida sem buscar esse sentido. O encontro entre o homem e o mundo e a contradição entre ambos baseia-se na principal questão que a filosofia camusiana do absurdismo trata: o homem nunca terá compreensão exata do todo. Basta buscar esclarecimento sobre o sentimento de absurdo com relação à escolha do suicídio físico ou optar pela escolha do sentido de absurdo que leva à noção de compreensão, ao menos, da paixão de viver em meio ao mundo absurdo e revoltante. O absurdo revela e a revolta transcende de dentro para fora o homem que viverá em um mundo absurdo, mas sobre outro olhar.

Em “O Estrangeiro”, percebemos que Camus estabelece a ponte que separa a revolta e o absurdo do mundo que vêm findar os questionamentos internos do homem através dos conceitos no cotidiano do ser humano já inserido em nossa sociedade, em meio à perspectiva do protagonista do livro, e faz com que, anteriormente, “O Mito de Sísifo” registre essa concepção diante da introdução que dar-se-á em sua obra famosa de 1942, acerca dessa noção de ser no seu mundo.

O problema em questão, revela a possibilidade de tratar de questões existenciais, como o absurdismo na vida humana, através de conceitos literários tendo em vista as abordagens filosóficas realizadas e, além disso, possibilita avaliar essa existência do homem perante todos os sujeitos que na sua volta exercem a sua vida, os seus suicídios, as suas ambições, mentiras e tristezas. Com isso, busca-se enaltecer a veracidade e a significância da Filosofia Camusiana de acordo com a filosofia do absurdo em meio à vivência

humana, trazendo como objetivos as caracterizações sobre os conceitos do Absurdismo, Suicídio, Felicidade, Liberdade e Esperança.

## 1. A História do Absurdo

Segundo a filosofia de Albert Camus, o ser humano manifesta a felicidade em meio ao absurdo e, com isto, o filósofo procurou trazer de encontro a sua existência, as discussões pelas quais o absurdo levaria o homem ao mundo da revolta. A noção de felicidade nasce na procura pelo “bem” interno, na prática e em tudo aquilo que é existencial e condiz com a realidade, além das teorias e conceitos fazendo com que, assim, consiga-se assimilar a noção de absurdo.

A história do Absurdismo instiga o descobrimento de diversas denominações presentes no cotidiano do ser humano e leva o mesmo a se revoltar diante da sua realidade e existir perante os conceitos pré-estabelecidos no âmbito pelo qual o homem critica a sua existência. Deste modo, Camus afirmou: “dizia o padre, pouco mais ou menos, que não era preciso tentarmos explicar o espetáculo da peste, mas devíamos buscar aprender nele o que era possível aprender”<sup>8</sup>. O homem camusiano descobre a si enquanto revoltado e denomina tal ação ao fundamento próprio da atitude, da revelação.

As ideias e pré-conceitos que abordam a sua realidade são aquelas que concretizam a noção de homem, porém, aqui, Albert Camus busca a desconstrução deste homem e, ainda, que o mesmo busque, através de tal exercício de abstração, de dentro pra fora e, apenas por si só, o encontro com a sua noção de existência para com o mundo que vive, compartilha e desenvolve o seu ser. Com isso, a filosofia do absurdo pode ser dividida em dois momentos, antes de chegarmos na denominação absurdista de Camus. A

---

<sup>8</sup> CAMUS, A. *A Peste*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1950, p. 206.

primeira linha seria a partir do estudo existencialista na escola Francesa dos anos de 1930<sup>9</sup> e a segunda linha seria a vertente da crença abordada pelo filósofo Dinamarquês Søren Kierkegaard nos anos de 1850.

Assim como Camus, Kierkegaard escreveu através das experiências decorrentes na sua existência, resumindo-as aos momentos que procurou ter, em meio aos seus livros publicados, relatos a partir das experiências vividas através da depressão que vivera enquanto novo, nas mortes que assolavam a sua vida. Assim, obteve, uma fuga junto à literatura onde pôde depositar a sua filosofia da existência (da vida) perante os acontecimentos do seu tempo.

Visto que, a filosofia abordada pelo dinamarquês rege os conceitos de angústia em meio ao homem cristão, sob forte influência da igreja na sua época, Kierkegaard fundamenta a filosofia do absurdo diante da percepção constituída através do resgate da sanidade do ser diante das percepções de desespero e salvação que se pode vir a buscar diante do encontro com Deus. Em “O Desespero Humano”<sup>10</sup>, o filósofo trata da escolha que o ser necessita fazer para se sentir existente diante do mundo em que vive e ter consciência da sua própria existência no mundo. Somente quando o homem possui uma finalidade própria, uma vontade fundamentada na razão, é que ele irá obter noção do agir e viver, uma vez que esta é a sua única oportunidade enquanto ser único neste mundo.

Em “O Desespero Humano”, um dos principais conceitos tratados fomenta o fato de que o desespero nada mais é do que a relação que este conceito possui com a morte, pois, para Kierkegaard, “o desespero é o maior mal que o ser humano pode suportar enquanto nele existir vida”<sup>11</sup>. Porém, aos

---

<sup>9</sup> A partir dos anos 1930, a obra de Heidegger foi traduzida para o francês (até então, as obras conhecidas na época eram destinadas, em sua maioria, para o grego e o alemão), lançada pela editora Gallimard, e influenciando a retomada filosófica na França a partir do estudo do ser e da existência, termos vistos anteriormente por Martin Heidegger.

<sup>10</sup> KIERKEGAARD, S. *O Desespero humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

<sup>11</sup> KIERKEGAARD, S. *O Desespero humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 323.

olhos do cristão, o fim da vida, de longe, pode vir a ser um contexto final daquela existência.

O absurdo em Kierkegaard revela um “salto para a fé”, onde o sujeito deve admitir para si a existência divina e concordando com uma suspensão do “ético”, a partir do conceito benéfico da “religião” para este sujeito. De certo se tem como princípio, de acordo com a filosofia de Kierkegaard, que, enquanto subjetiva, a realidade se aplica na fé de forma finita, porém, depende da infinitude que se revela aquela divindade.

A relação da filosofia de Kierkegaard com o absurdismo de Albert Camus é perceptível quando tratamos da morte e da angústia como os principais fatores para trazer ao homem um olhar diferente sobre o contexto que sua existência se multiplica de acordo com os conceitos confrontados. A noção de busca não existe já que, para o filósofo, este encontro pelo sentido precisa ser internamente, e não externamente a sua existência, ou inerente a sua existência. Com a compreensão da sua condição no mundo, o sujeito pode então compreender o seu estado de condição, enquanto que, para a filosofia kierkegaardiana, a condição de sujeito se faz enquanto percepção do absurdo diante da síntese cristã de busca e compreensão da morte, da doença, e da angústia.

Os conceitos de absurdo vão além da filosofia abordada através de Søren Kierkegaard e Albert Camus. Com Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger se pode perceber e conceituar o existencialismo nascer de fato e, o niilismo, se tornar uma das principais correntes filosóficas na história da filosofia, alavancando uma ponte importante entre as discussões existencialistas que começaram no século XIX e se intensificaram até a segunda metade do século XX.

Em Nietzsche, percebe-se o desenvolvimento de dois tipos de niilismo: o niilismo passivo e o niilismo ativo. No primeiro, Nietzsche

desenvolve sua filosofia de acordo com o que pensa ser a desvalorização dos valores. A necessidade do homem em constituir valores e costumes faz deste negar a evolução de sua pessoa, não havendo então uma conscientização do ser e este vive, então, constituído de uma vida fundamentada a partir de um conceito sobre a moral cristã já naturalmente impregnada na sociedade.

O niilismo ativo seria, por sua vez, paralelamente ao conceito passivo uma desconstrução dessa moral, uma desconstrução do conceito premeditado na sociedade, colocando em questionamento a veracidade dos valores e pautando a totalidade do ser, através do redescobrimto do homem, potencializando a força e a capacidade deste homem em poder criar seus próprios conceitos morais, desmistificando os conceitos propostos, pelo cristianismo.

Para Friedrich Nietzsche, o anseio de mudança precisaria passar pelo auto-reconhecimento de todos os valores, sem enaltecer o estado de vazio através da descoberta, mas sim, diagnosticar interiormente a vontade, o estado de força:

Necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão — para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado.<sup>12</sup>

Diante de um niilismo positivo, Martin Heidegger desenvolve, na Alemanha, a filosofia do existencialismo e, mais propriamente, pela vertente filosófica da angústia<sup>13</sup>. Em Heidegger, percebe-se que o ser humano é um ser

---

<sup>12</sup> NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral, uma polêmica*. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 1998, p. 8.

<sup>13</sup> Heidegger considera friamente a condição humana e anuncia que esta existência é humilhada. A única realidade é a "inquietação" em toda a escala dos seres. Para o homem perdido no mundo e seus divertimentos, essa inquietação é um medo breve e fugidio. Mas, quando esse medo toma consciência dele mesmo, se transforma em angústia, o clima permanente do homem lúcido "em que a existência se redescobre". (CAMUS, 1989, p. 19)

existencial e temporário, conscientemente repleto de sabedoria e ciente da sua real condição enquanto o seu nascimento e a sua morte. O *Dasein*, a afetividade, a fala e o entendimento são palavras que enaltecem a filosofia heideggeriana.

A filosofia do *dasein*<sup>14</sup> procura explicar não o homem, mas um todo que constitui essa existência e isso será visto como uma das principais abordagens por Albert Camus, em “O Estrangeiro”, onde o filósofo vai poder exemplificar que o existencialismo procura, enquanto ao mesmo tempo explicar a existência do ser, tornar cada vez mais preponderante a discussão acerca daquilo que existe. Camus diz:

Por senti-lo tão parecido comigo, tão fraternal, enfim, senti que tinha sido feliz e que ainda o era. Para que tudo se consumasse, para que me sentisse menos só, faltava-me desejar que houvesse muitos espectadores no dia da minha execução e que me recebessem com gritos de ódio.<sup>15</sup>

A filosofia do absurdismo se faz presente enquanto houver a discussão sobre o papel da existência humana dentro da perspectiva de mundo que o ser humano possui, tratando da sua noção um compartilhamento necessário com o todo, para que haja uma prática a ser formada. Assim, o “bem” a ser gerado em benefício da caracterização filosófica que abrange desde o aprendizado sobre os conceitos da liberdade e de como podemos conviver em meio às regras que regem nossa sociedade, estabelecem que o absurdo se instaura cada vez mais no âmbito social, pelo qual o sujeito vive. A este respeito Camus afirma:

Tudo que é permitido não significa que nada é proibido. O absurdo apenas devolve às consequências de seus atos a

---

<sup>14</sup> A essência do homem, para a filosofia heideggeriana, é a sua própria existência, principalmente quando este ser exerce para si as suas condições de ir e vir.

<sup>15</sup> CAMUS, A. *O Estrangeiro*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014, p. 110.



equivalência delas. Ele não recomenda o crime. Seria pueril, mas restitui ao remorso sua inutilidade. Da mesma forma, se todas as experiências são indiferentes, a do dever é tão legítima quanto qualquer outra. Pode-se ser virtuoso por capricho.<sup>16</sup>

O absurdo precisa de uma compreensão paradoxal da condição e desmistificação daquilo que conhece como moralidade, porém, assumindo a responsabilidade dos seus atos quando cometidos. A filosofia do absurdismo contempla todas as áreas do existencialismo, mesmo que, para Albert Camus, pode-se ver a sua filosofia indo contra essa denominação existencialista e acabe se tornando uma filosofia sem uma nomenclatura exata, onde o filósofo procura descrever a sua existência de acordo com a condição que a mesma se faça presente diante dos conceitos à que este homem acredita enquanto se revela perante o absurdo, que insistem em produzir um ser incapaz de permanecer na ideia de sujeito condicionado ao absurdo e instigado em benefício da provocação interna.

Todas essas vidas conservadas no ar rarefeito do absurdo não se saberiam sustentar sem algum pensamento profundo e constante que as anima com sua força. Mesmo esta só pode ser um singular sentimento de fidelidade [...] A conquista ou o jogo, o amor inumerável, a revolta absurda são homenagens que o homem presta à sua dignidade numa campanha em que ele está antecipadamente vencido.<sup>17</sup>

Mudança esta que se faz na esfera filosófica, pois, para Camus, as guerras, por mais necessárias que fossem nos seus tempos, provocavam mortes voluntárias: “viram-se homens conscientes desempenhar sua tarefa em meio às mais estúpidas guerras sem se acreditarem numa contradição. É que se tratava de não se esquivar a nada. Há, desse modo, uma felicidade metafísica a

---

<sup>16</sup> CAMUS, A. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p. 42.

<sup>17</sup> CAMUS, A. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p. 56.

sustentar a absurdidade do mundo”.<sup>18</sup> Como o filósofo escreveu “O Mito de Sísifo” no início da segunda grande guerra, ele se deteve em relatar suas vivências de acordo com o que acontecia, principalmente, delimitando seu assunto em questionamentos acerca da morte voluntária. Portanto, Albert Camus procurou, em suas obras, especificar termos como romance, dramaticidade e ideologia a fim de identificar e, elucidar, a realidade do homem absurdo, revoltado e livre.

A filosofia de Albert Camus se torna, portanto, cheia de recursos que possam ser utilizados para tentar guiar o homem ao seu único apoio que nada mais é do que a si próprio, trazendo à tona que este homem sabe o que é o “bem”. Contudo, o homem pratica o mal, contra a sua vontade, devido à percepção dos conceitos de maldade e bondade e daquilo que é instituído para si diante do âmbito, seja social ou trabalhista, que este exerce a relação do seu mundo.

### 1.1 Para além de Sísifo

A lucidez, de fato, demonstra que o homem está preso em paradigmas instituídos por uma veia moral que habita em seu tempo. Ao tomar para si a ideia de desistência da sua existência, ou seja, a morte, o suicídio não se torna, aqui, a única via de escape para os problemas que este enfrenta no seu dia a dia. O aprisionamento das ideias que são tidas como verdadeiras diante do suicídio, se tornam características principais para o ser humano obter certeza diante da medida a ser tomada por ele.

A indagação, o instigar a si próprio, faz parte e, por necessidade, daquilo que corresponde à necessidade do homem e o direito que lhe foi dado em ter o poder de adquirir para si a tal medida para com o suicídio. Albert Camus não questiona a ação que é dada para a vida enquanto esta é dada por

---

<sup>18</sup> CAMUS, A. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p. 56.

fim diante do sujeito que escolhera por aquilo, propriamente. O Franco-argelino então demonstra que, para o ser tomar tal medida, em seu estado mais lúcido, pode chegar à conclusão de que a separação entre a vida e a problemática absurda se faz necessária enquanto este encontrar como solução o fim através do suicídio.

Se eu fosse árvore entre as árvores, gato entre os animais, essa vida teria um sentido ou, antes, esse problema eu não o teria, pois faria parte do mundo. Eu seria esse mundo a que agora me oponho com toda a minha consciência e toda a minha exigência de familiaridade. Essa razão tão irrisória, é ela que me opõe a toda a criação. Não posso negá-la de uma penada. O que acredito verdadeiro, tenho, portanto, de manter. O que me parece tão evidente - mesmo contra mim - devo sustentar. E o que constitui o fundo desse conflito, dessa fratura entre o mundo e o meu espírito, se não a consciência que tenho dele?

19

Com isso, Albert Camus, após exemplificar a sua noção de absurdo e suicídio em “O Mito de Sísifo”, busca em “O Estrangeiro” a fundamentação pela qual irá verdadeiramente mostrar a noção de um homem revoltando com o absurdo que é a vida humana e a atividade de ser enquanto bem único para o seu estado de racionalidade. Em “O Estrangeiro”, Camus consegue revelar este homem estrangeiro do mundo e aos olhos dos conceitos morais e éticos que estão atribuídos ao seu tempo.

A revolta, tanto para Camus, como para o protagonista Meursault<sup>20</sup>, da obra “O Estrangeiro”, condizem com, simplesmente, a noção de aceitação

---

<sup>19</sup> CAMUS, A. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p. 34.

<sup>20</sup> Meursault é o protagonista da obra “L'Étranger”, de 1942, escrito por Albert Camus e distribuído pela editora Gallimard. Meursault, assim como Sísifo, representam a ponte que o sujeito exerce entre a noção da morte e liberdade, a fim de dar uma justificativa plausível a uma vida absurda.

da identificação interna, sem enaltecer algo transcendente a si ou a segurança a partir de um conceito gerado pela esperança, nos dogmas ou na morte como solução para a salvação. Pode-se analisar, então, na primeira linha da obra, essa noção de desprendimento para com os conceitos de medo da morte e identificar a aceitação daquilo que é tido como normalidade na natureza humana. Meursault diz: “hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem”<sup>21</sup>. Procura-se, portanto, demonstrar e evidenciar um problema visto pelo senso comum, que caracteriza a sua aceitação perante a uma certeza, a compreensão diante daquilo que enxerga como normal e natural, porém, esta problemática irá sacramentar a vida do protagonista em meio ao enredo final deste livro.

Meursault, o protagonista de “O Estrangeiro”, percebeu que, perante o momento onde encarou a única certeza que um dia pudera ter em sua vida, a noção da morte mesmo que, enquanto noção da mesma, a liberdade se faz mais libertadora aos olhos de quem a vê livre diariamente.

A vida humana é moldada a partir dos pré-conceitos, da moral, daquilo dito como ético, das especificações que carregam uma margem de falsas certezas em que o homem, enquanto ser carregado de uma falsa liberdade molda a sua vida sem tomar por conhecimento de que as suas relações se tornam vazias e que este ser é, verdadeiramente, um estrangeiro.

## 1.2 *La Liberté et la Mort* para Albet Camus

Os costumes e as tradições, por exemplo, são símbolos existentes na vida humana, pensados a fim de dar suporte ainda maior para as relações entre os homens. Com isso, tal representação é vista nos livros de Camus, como papel fundamental para uma possível explicação sobre as diversas manifestações existenciais que remetem a existência humana à uma

---

<sup>21</sup> CAMUS, A. *O Estrangeiro*. 5° ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014, p. 13.

problemática absurda que o ser humano se propõe a presenciar e fazer. A decisão sobre as ações que o homem reflete e toma para si, através da representação diante das suas relações, sofrem alterações devido às vivências que são estabelecidas em torno do seu âmbito social.

Para o Franco-Argelino, a vida precisa ser exaltada, mas não simplesmente sobre a segurança de uma falsa esperança guiada por um ser divino, e sim, como a compreensão da vida e da sua finalidade dar-se-á partir dos conceitos adquiridos sobre a noção de morte e a aceitação da vida com um absurdo enquanto este ser tenha conhecimento sobre a sua existência.

Todos se precipitam, pelo contrário, para qualquer coisa que mal conhecem ou que lhe parece mais urgente que Deus. A princípio, quando achavam que era uma doença como as outras, a religião tinha prestígio. Mas quando viram que o caso era sério, lembraram-se do prazer. Toda a angústia que se pinta durante o dia nos rostos se dissolve então, no crepúsculo ardente e poeirento, numa espécie de excitação desvirada, numa liberdade desajeitada que inflama todo um povo. E também eu sou como eles. Puro engano! A morte nada é para os homens como eu. É um acontecimento que lhes dá razão.<sup>22</sup>

Os sentimentos geram uma união provocativa ao discernimento do homem com o mundo. O amor, a morte, a esperança e o absurdo que esses questionamentos trazem em torno da responsabilidade que o homem têm de compreensão ao sentido da existência humana é a sua interligação com o atual momento que executa a sua aproximação com o seu ser racional. Cita-se aqui, sobre a sensibilidade, Carlos Eduardo Guimarães:

O mundo é por si. Nada me leva além dele. Agora, é o que temos a conquistar, e só o que temos. A sensibilidade não autoriza buscar mais do que o mundo e mais do que esta vida. Há um desejo de ser feliz e toda a felicidade está neste despojamento na própria natureza.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> CAMUS, A. *A Peste*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1950, p. 70.

<sup>23</sup> GUIMARÃES, C. E. *As dimensões do Homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971, p. 27.

Portanto, o significado desta noção de aceitação da morte se depara com o ser condicionado a crença religiosa, enquanto que esta se torna mais abrangente e clara quando o ser tem por experiência situações de pleno caos e destruição. A filosofia camusiana esclarece um elo, redutível a desconstrução, entre uma ética católica e o sentimento de revolta do homem comum que é visto mais precisamente em “O Mito de Sísifo”. Portanto, o sentimento de absurdo e o sentido de revolta se ofuscam enquanto o ser humano estiver condicionado a crença religiosa e a moral regrada, a ocultação do homem diante dos confrontos para com a sua essência negativa, o que torna mais evidente o crescimento da sociedade tendo em vista que a moral instituída no âmbito existencial modifica-se de acordo com o estado natural colocado no homem, desenvolvido através do alicerce principal, que é o sustento pela moral cristã como salvação do homem angustiado.

## **2. A visão do homem Estrangeiro enquanto *Ser-aí***

Para Albert Camus, o sentimento do ser humano pressupõe uma tendenciosa sequência de erros existenciais quando estes erros resgatam como principal razão a noção de “destino” que o homem tem para com o mundo, já que este está condicionado a tornar o homem um ser cego diante das representações futuras e deixando de lado a sua existência enquanto ser no mundo momentâneo. Tão logo, a busca pelo sentimento positivo para a sua vida sempre resultará em uma medida errônea, já que a esperança em algo alheio a si vai tornar o homem cada vez mais distante da sua verdadeira questão existencial, que é a noção dos seus problemas, e não a busca pela ocultação destes problemas.

Torna-se cada vez mais evidente a relação entre a Filosofia e a Literatura, principalmente quando discutida através destes filósofos e escritores literários na perspectiva do ser como revoltado e, ao mesmo tempo, necessário

para a sua própria compreensão de mundo. A denominação que se dá a partir de tudo aquilo que é visto como algo não filosófico, mas redutível à investigação é relatada, principalmente, através da filosofia alemã, com algumas das principais correntes no início do século XX, que são as correntes ligadas a Filosofia Hermenêutica<sup>24</sup>, da Linguagem<sup>25</sup> e do Existencialismo, resgatadas pelo filósofo Martin Heidegger.

Em Heidegger evidenciamos, mais precisamente em “Ser e Tempo”<sup>26</sup>, a noção de pertencimento no mundo através da concepção de existência que o homem possui enquanto abertura do *Dasein*, enquanto este serve para designar uma ideia de existência do homem. Enquanto para Camus o ser se encontra diante do absurdo e da revolta, em Heidegger, o ser-aberto constitui-se através do encontro estabelecido com a angústia, “pelo entender como projetar-se no ser-culpado mais-próprio e pelo discurso como ser-calado.”<sup>27</sup>

O filósofo alemão remete o sujeito à indagação sobre o seu estado no mundo, mas não somente como aparentam para si as questões colocadas no mundo, os objetos, mas no ser daquele ente que é o homem.

O ser-resoluto significa deixar-se despertar a partir da perda em a-gente. O não-ser-resoluto de a-gente permanece, contudo, dominante, somente já não pode se opor à existência resoluto. [...] O entendimento disso pretende ao que ele abre, na medida em que somente o ser-resoluto dá ao *Dasein* a transparência própria.<sup>28</sup>

O ser-resoluto se torna uma peça fundamental para explicar um dos principais questionamentos acerca do homem através da filosofia (podendo

---

<sup>24</sup> A filosofia hermenêutica, essencialmente, seria o estudo interpretativo da arte em si, porém, posteriormente, com Heidegger, o estudo através da interpretação se equivaleria ao estudo do próprio ser humano, do ser.

<sup>25</sup> Ultrapassando os limites da percepção e da fala, a filosofia Heideggeriana experimenta o uso da linguagem para explicar que o ser humano é um ser de linguagem enquanto as suas ações, provocadas por si ou externas a ele, sejam interpretadas como simples mecanismos da linguagem.

<sup>26</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

<sup>27</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012, p. 811.

<sup>28</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012, p. 817.

aqui ser considerada existencialista) de Martin Heidegger. Esse filósofo transformou uma perspectiva através da filosofia niilista de Nietzsche para uma nova filosofia, a existencialista, fazendo com que a sua filosofia se desenvolva – desde a fundamentação teórica de Heidegger acerca do existencialismo, mais propriamente também sobre o *Dasein* – não só simplesmente pelo fato de que o homem precisa se desprender dos pré-conceitos instituídos na vida dele, principalmente através do Cristianismo, como Nietzsche fala, mas sim, o ser humano necessita provocar o ato de redescobrimto, tornando o estudo fundamental da filosofia uma abordagem filosófica sobre o que é o ser e por que o ser está sendo.

A partir de tal concepção, dentre a sua vasta filosofia, partindo da sua concepção sobre o problema do ser e pela questão acerca da Ontologia, a sua importância atribuída ao conhecimento da tradição filosófica e cultural é uma das suas principais questões acerca de um diálogo linguístico construído a fim de posicionar todo e qualquer ser humano como conhecedor do seu próprio mundo, tirando-o da perspectiva social e fazendo este mesmo ser tornar-se um estrangeiro aos olhos do mundo moderno, ou contemporâneo.

### **3. Kafka e Dostoiévski: Uma perspectiva sobre o absurdismo em meio a Literatura**

Albert Camus procurou desenvolver em “O Estrangeiro” uma perspectiva vivencial referente à experiência do homem em respeito à consciência do ser humano à reflexão do homem com relação a si próprio. O importante e o que pode ser percebido no livro é a essência, e não a história como fruto originário para a construção da contextualização literária de Albert Camus.

A essência dará, ao homem, a condição principal para executar essa conversa filosófica, e não somente em uma perspectiva histórica. A



consequência de luta pela liberdade e pelo engajamento para com a revolução demonstra o buscar do homem pelo desafio inovador que é o da linguagem, possibilitando a transmissão de algo além de um simples estudo acerca da “filosofia convencional”.

Neste trabalho procurou-se especificar o estudo absurdista de Camus acerca, principalmente, da problemática em meio ao suicídio, porém, a sua influência não se limita apenas as questões filosóficas em meio ao homem revoltado. A filosofia camusiana nasceu a partir de uma perspectiva jasperiana<sup>29</sup>, porém, a filosofia de Camus não é considerada existencialista de fato, e sim uma filosofia própria a Camus, com influências fortes não só a partir da Filosofia da existência, originária do alemão Karl Jaspers, mas também, da fenomenologia de Edmund Husserl e ampliada por Martin Heidegger, principalmente, na sua discussão sobre o *Dasein*.

A vertente literária de Albert Camus, então, além da influência filosófica que acabou sofrendo a fim de fundamentar os seus dois ensaios filosóficos, por exemplo, intitulados “O Mito de Sísifo” e “O Homem Revoltado”, acabou por ser influenciada também pela literatura russa, através do existencialista e escritor Fiodór Dostoiévski, precursor do absurdismo, como pela literatura Tcheca, com o escritor Franz Kafka.

A única coisa que posso fazer é conservar até ao fim o meu sangue-frio e o meu espírito analítico. Sempre desejei possuir uma vintena de mãos para agarrar todo o universo, e isto, com um objetivo discutível. Estava enganado; devo mostrar agora que mesmo um processo de um ano não me serviu de lição? Devo afastar-me como um homem incapaz de compreender? Será preciso que possam contar que no início do processo eu queria terminá-lo e que chegado agora ao seu termo, quero recomeçá-lo? Não quero que digam isto.<sup>30</sup>

A riqueza deixada pelos grandes filósofos que contextualizaram e

---

<sup>29</sup> A Filosofia Jasperiana é fundamentada principalmente através da corrente existencialista que constitui-se numa metafísica. O existir é um transcender na liberdade em meio a historicidade representada nas situações vivenciadas pelo homem.

<sup>30</sup> KAFKA, F. *O Processo*. Alfragide: Leya, SA, 2009, p. 127.

foram importantes para a filosofia entre a metade do século XIX e a metade do século XX propuseram com que fosse evidente a noção filosófica a partir de sua abordagem com relação ao problema existencial do homem tendo em vista a perspectiva filosófica utilizada por todos os grandes escritores literários que influenciaram Albert Camus. Em “O Processo”<sup>31</sup> e “Notas do Subsolo”<sup>32</sup> e “O Estrangeiro” pode-se avaliar claramente a sequência de fatos que levam os protagonistas desta tríade, enxergados como anti-heróis, a um vasto campo sombrio acerca da contextualização de si próprio em meio à morte, às noções de liberdade, lugar no mundo e o confronto com a sociedade que o limita de ser este estrangeiro revoltado, consciente do absurdo perante os fatos alheios a sua existência, no mundo em que com estes deve compartilhar.

O sofrimento é a única causa da consciência [...]. A consciência, por exemplo, é infinitamente superior ao dois mais dois. Depois do dois mais dois, evidentemente não restará nada, não só para se fazer, como até mesmo para se conhecer. A única coisa que então será possível será trancar os cinco sentidos e mergulhar na contemplação. Com a consciência chega-se ao mesmo resultado, ou seja, também não haverá nada para fazer, mas pelo menos será possível surrar a si mesmo de vez em quando, e isso anima um pouco, apesar dos pesares. Embora seja uma coisa retrógrada, ainda é melhor do que nada.<sup>33</sup>

Para Dostoiévski, assim, como se pode perceber também em Camus, a contemplação acerca da visão interna diante daquilo que se tem como um novo olhar, a consciência, torna o ser humano condizente à sua única e completa relação com o seu próprio “eu”. A consciência, por ainda permanecer sempre única ao homem, necessita da reforma e da noção de condição diante da realidade, para enfim se encontrar diante do fim de uma antiga perspectiva existencial e originar um novo conceito de enxergar-se no mundo. A noção de absurdo tanto para Kafka quanto para Dostoiévski

---

<sup>31</sup> KAFKA, F. *O Processo*. Alfragide: Leya, SA, 2009.

<sup>32</sup> DOSTOIÉVSKI, F. *Notas do Subsolo*. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2011.

<sup>33</sup> DOSTOIÉVSKI, F. *Notas do Subsolo*. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2011, p. 27.

originaram uma noção mais consistente daquilo que, um dia, iria vir a ser fundamentada como filosofia do absurdo para Albert Camus, tornando a literatura um novo campo de investigação filosófica.

### **Considerações finais**

A linguagem, assim como se pode analisar através da filosofia heideggeriana, sempre esteve em completa mudança diante do processo transitório das condições humanas que demonstram que o modelo de linguagem a ser seguido pelo homem deixará de ser apenas um aspecto condizente na sua realidade e passará a ser uma condição humana diante de tudo aquilo que este realiza em experiência com o mundo. Com isso, Heidegger e Camus procuraram evidenciar duas questões que consideraram extremamente pertinentes em seu tempo.

Para Camus, o verdadeiro questionamento filosófico acompanhava o suicídio do homem, em pleno absurdo. Em Heidegger, a sua maior herança filosófica foi ter deixado ao homem o questionamento sobre o ser, pois, a partir de um pensamento ocidental, o homem está condicionado a ser o que é a partir da sua própria condição de ser no mundo. É na verificação entre as relações humanas, através de modelos educacionais, que se pode ter por ciência a relação entre os seres humanos a fim de obter conhecimento sobre sua vivência no mundo, tornando-se um estrangeiro ao seu tempo e redescobrendo não só sua existência como também a sua história.

A revelação do homem evidencia algo além daquilo que se pode encontrar nos livros de Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger e Camus. A projeção e progressão da filosofia do absurdo em Kierkegaard até a noção de absurdo em Camus demonstram que as relações colocadas até aqui, experimentadas pelo homem, condizem com a historicidade adquirida ao longo do tempo em que este ser foi, com relação a sua condição temporal,

condicionado a uma vida onde o seu principal problema foi encarar os problemas existenciais de seu tempo, como as guerras, as crises e suas doenças.

Camus não imaginava uma “cura” através da sua filosofia, muito menos buscou mostrar que a noção de absurdo seria a solução para todo e qualquer tipo de homem. Porém, principalmente, em seu ensaio “O Mito de Sísifo” de 1941, Camus deixa claro a real condição que a sua filosofia se propõe enquanto relato das suas próprias experiências, a fim de despertar no homem a noção sobre a sua condição no mundo. Camus evidencia os fatos, demonstra a possibilidade de aceitação da vida absurda e reconstrução de um pensamento, por mais contrário que fosse aos modelos morais e éticos colocados na sociedade, em especial na França, entre os anos de 1930 e 1960. A Filosofia de Albert Camus ajudou o homem a perceber o seu estado natural e a reviver a esperança diante da revolta perante o seu contexto existencial.

Contudo, não se pode encontrar aqui uma solução para os problemas citados acima. Camus buscou ensinar que a busca pelo sentido não existe, pois enquanto a busca for vista como uma necessidade ao homem, mais absurdo lhe será esse sentido. Para o homem, a busca não pode se limitar em trazer à tona um questionamento sobre o que é a filosofia do absurdo, e sim, a noção de absurdo.

A noção do absurdo para a existência humana é entendida aqui como fator extremamente importante. Porém, o aprisionamento do homem em meio às regras e leis enquanto este partilha do seu mundo diante de uma vivência social o proíbe ou, desacelera este homem revoltado a atribuir para si uma transformação necessária a partir do reconhecimento desta noção de vida absurda.

Ademais, pode-se notar que Camus esclarece, através da contextualização filosófica a partir de suas obras literárias, a razão da qual o homem procura deter-se às prisões estabelecidas através de conceitos

impregnados na sua existência e revela a necessidade do homem frente a este desprendimento, como a religião, por exemplo. Albert Camus não despreza as religiões, muito menos o poder judiciário - por mais que o protagonista Meursault em “O Estrangeiro” tenha visto a sua condenação ser efetivada através de uma contextualização acerca dos fatos atribuídos, não a uma personalidade criminosa, mas sim, de um caráter social já colocada na sua própria personalidade existencial -, mas salienta a necessidade do homem em realizar em si próprio as avaliações existenciais que contemplam a noção de revolta perante o absurdo, contrariando por completa a decisão de suicídio.

A veracidade da sua filosofia se torna cada vez mais importante para a existência humana e para os estudos existencialistas que se originaram na França, nos anos 30, mas principalmente, pode-se perceber, a abertura infinita que o homem precisa obter através da sua contemplação do mundo absurdo em vida. O seu encerramento só se dará quando este homem conseguir imaginar a felicidade diante da certeza do absurdo e o trabalho filosófico acerca da filosofia camusiana, a partir da sua perspectiva literária, ajudará este ser a indicar o caminho para a realização da sua própria concepção de mundo absurdo.

### **Referências Bibliográfica:**

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Política**. 5º Ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.  
CAMUS, Albert. **A Peste**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1950.

\_\_\_\_\_. **A Queda**. 1o ed. Brasil: Best Bolso-Record, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Averso e o Direito**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Estrangeiro**. 5º ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.

\_\_\_\_\_. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Notas do Subsolo**. Porto Alegre: Coleção L&PM POCKET, 2011.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As dimensões do Homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

KAFKA, Franz. **O Processo**. Alfragide: Leya, SA, 2009.

KIERKEGAARD, Søren. **O Desespero humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**. 12º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral, uma polêmica**. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.